

DA JANELA, PEQUENA.

Da janela, a pequena Alice vê o mundo. Entre as grades verdes e frias de seu quarto, seus pequenos olhinhos curiosos não deixam passar um detalhe sequer.

Cinza... cinza.. branco.. branco. Observa, atenta, aos carros na rua, surpresa em como o mundo parece menos colorido. Por que não rosa, amarelo e arco-íris? – pergunta a si mesma.

O som não é de risada de crianças, é de motos barulhentas e ônibus que parecem brincar de corrida. Quem seria o vencedor dessa brincadeira? - questiona-se. Acho que ninguém ganha com toda essa pressa, reflete sabiamente.

Alice passa longos minutos a observar as árvores sacolejando ao ritmo do vento. Sobe, desce, sobe, desce, como numa gangorra. Às vezes, vê o gira-gira de folhas no chão. Diverte-se também com o esconde-esconde, embaixo dos carros, dos gatinhos abandonados pelo bairro.

Se alguém passa pela calçada, dá bom dia, balança a mãozinha e fica toda tímida quando falam "como é uma gracinha".

Sim, cheia de graça, Alice, com seus olhinhos brilhantes, é a pessoa mais cheia de graça que já conheci. A pequena de pouco mais de um metro e meio, do alto de seus 96 anos de idade, é a avozinha do meu coração, minha grande conexão com uma realidade tão igual e ao mesmo tempo, tão diferente.

Vó Lice, como é chamada, passa boa parte de seus dias observando a vida passar, ela que fazia rafting aos 70, lutava boxe e taewondô aos 80 e até foi modelo aos 90. Um exemplo de que não podemos nos perder de nós mesmos, de nossos sonhos e aventuras.

Todos os dias, entre sua dificuldade de ouvir e agora também de enxergar, mas sem uma única palavra de reclamação, ela é quem me mostra que é preciso ter o olhar curioso de uma criança para se conectar mais, viver mais. É preciso, sim, desligar as telas e encontrar-se no mundo, ainda que seja através da janela. Ainda é tempo!